

central, em 1969, seguindo depois para Lurinchincha, no “Sur Chico”, em Puno, Cuzco, Utuyacu (Huaraz) e em todo o território nacional. Uma avaliação parcial positiva dessa experiência, mas inédita, encontra-se na tese de Irene Sica (1976). Criamos CENCIRA (Centro de Capacitación e Investigación para la Reforma Agraria), influenciados pela experiência do ICIRA no Chile, do qual Freire participara juntamente com sua equipe até o golpe militar de Pinochet.

A década dos 70 leva-me a abordar a problemática da “colonização e descolonização da identidade étnica”, trabalhando inicialmente com Chicanos em Santa Barbara, Califórnia, explorando formas de integrar a “educação popular” de inspiração freireana com formas de “terapia popular” baseadas na “reavaliação” (Jackins, 1964) e na “opressão internalizada” (Erika Shero-ver-Marcuse) descritas nos meus trabalhos sobre educação para a paz (Bacal, 1977), “terapia dialógica” (Bacal, 1986) e “tipos de resposta à discriminação étnica” (Bacal, 1994). Essa experiência é aplicada ao trabalho em “empresas nas mãos de trabalhadores”, numa perspectiva de autogestão operária, a partir do INPET, ONG associada ao grupo próximo a Velazco, no Peru (Bacal, 1991). Essa atividade me leva a coordenar um projeto sobre *Qualidade de Vida no Trabalho e Democratização na América Latina*, na Suécia, minha base recente (Bacal, 1991), trabalho que continua ainda hoje.

Durante os anos 80 trabalhei no México e Peru na área de capacitação para o desenvolvimento rural, com o enfoque participacionista conhecido no projeto como o “protótipo de granjas integrais” (Bacal, 1983), e também com seis grupos indígenas no México. Desde 1986 desenvolvo minhas atividades como professor, pesquisador e “educador popular” na Suécia, através do CETAL (Centro de Estudio y Trabajo sobre América Latina), onde apoiamos projetos de educação popular (Bolívia, Argentina etc.), saúde popular etc., e também em publicações sobre educação popular no México, Peru e uma eventual obra sobre a experiência no Brasil, sob a coordenação de Moacir Gadotti.

Meu próximo projeto me levará a Tlaxcala, México, na área de desenvolvimento regional. Poderia dizer, simplesmente, que a vida e a obra de Paulo Freire continuam permeando meu trabalho nas dimensões da teoria, metodologia, práxis e experiência dialógica, imprimindo sentido conscientizador e compromisso à minha tarefa.

## 26

### SOBRE A GESTÃO PAULO FREIRE

#### Uma carta

Ângela Antunes Ciseski\*

Caro Paulo:

Comecei a trabalhar na rede municipal em junho de 1987. Era inverno. Chovia fino e ventava, por isso notei rapidamente a ausência de vidro nas janelas das salas de aula. Éramos obrigados a afastar as carteiras da parede para que a chuva não molhasse os alunos e seus cadernos. Era muito difícil desenvolver um bom trabalho enfrentando este e muitos outros problemas que a escola apresentava: faltavam carteiras e cadeiras, faltava material de limpeza, havia constantes curtos-circuitos porque a fiação era velha, faltavam funcionários, não havia biblioteca... Mas eu me lembrava de uma foto que vira no livro *Cartas a Guiné-Bissau* em que as pessoas assistiam às aulas debaixo de árvores, sentadas em bancos feitos com bambus e pensava comigo: “não posso me acostumar com este prédio feio e triste, com essa falta de infra-estrutura, mas também isso não pode me impedir de desenvolver um trabalho decente, do qual eu não me envergonhe”. Se os problemas fossem só em relação à infra-estrutura, penso que teria conseguido driblá-los, mas estávamos sob o governo conservador de Jânio Quadros. Não havia espaço para a criatividade, para a ousadia, para a alegria. Hierarquia, relações verticais de mando e subordinação, achatamento salarial, demissão de trabalhadores e trabalhadoras em educação que se manifestassem contrários aos caminhos adotados por aquele governo, expulsão de alunos “problemáticos”, linguagem autoritária... Como fazer um bom trabalho?! Como ser feliz!?

Nós não nos conformávamos. Sabíamos de outras possibilidades de se fazer educação. Lutávamos para ver nosso projeto ser colocado em prática: fazíamos militância político-partidária, fazíamos trabalhos comunitários, participávamos de sindicato, trabalhávamos com seriedade em sala de aula... Sabíamos dessa luta miúda em toda cidade. Luiza Erundina foi deixando de ser possibilidade para ser realidade. Luiza foi eleita. Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação.

\* Ângela Antunes Ciseski é professora do Município de São Paulo, mestranda em Educação da Universidade de São Paulo e membro do Núcleo de Educação para a Cidadania do Instituto Paulo Freire.

Reunidos na escola, no início do ano letivo de 1989, lemos o primeiro documento dirigido a nós: “O voto de 15.11.88 foi um voto para a mudança, para mudar inclusive essa escola que temos, para superar as suas precariedades. Só que não vamos fazer isso sozinhos. Pretendemos mostrar a todos os que hoje estão envolvidos com a educação no município de São Paulo que juntos podemos mudá-la construindo uma *escola bonita*, voltada para a formação social crítica e para a sociedade democrática. (...) Queremos imprimir uma fisionomia a essa escola, cujos traços principais são os da *alegria*, da seriedade na apropriação e recriação dos conhecimentos, da solidariedade de classe e da amorosidade, da curiosidade e da pergunta, que consideramos valores progressistas...”



Paulo Freire e Ângela Antunes Cieski  
no Instituto Paulo Freire.

Após a leitura do texto, havia desconfiança no olhar de alguns e lágrimas nos olhos de muitos. Os sonhos nadavam diante de nossas pupilas que se dilatavam como que abrindo os braços para recebê-los: “*venham, haverá espaço para desafios, para a criatividade, para a mudança*”.

Implantamos em nossa escola o Conselho, o Grêmio Estudantil, o projeto da Interdisciplinaridade, um projeto especial para o noturno, o projeto de Orientação Sexual, o projeto da Horta Escolar, o curso de EDA (Educação de Adultos). A nossa Sala de Leitura começou a funcionar. Elegemos, através do Conselho, funcionários comprometidos com os interesses da comunidade, inclusive o diretor e o assistente de diretor. Participamos de encontros regionais no NAE (Núcleo de Ação Educativa) para troca de experiências entre

as escolas e para cursos de formação, participamos de Congressos Municipais de Educação, participamos da 6ª CBE (Conferência Brasileira de Educação). Saímos de nossos casulos. Viramos borboletas. Havia as azuis, as brancas, as vermelhas, as amarelas... Eram muitas.

Quando ouço ou leio em algum lugar “*transformar as escolas em centros de criatividade, onde se ensine e se aprenda com alegria, (...) garantir que educadores discutam a sua própria prática, aprofundem e*

*avancem em seus fundamentos, reconstruindo a sua prática, na perspectiva de uma educação transformadora*”, lembro-me das vezes que choramos, principalmente quando, por época da discussão do Estatuto do Magistério, não conseguimos aprovar a eleição direta para diretor; lembro-me dos pais e das mães, dos alunos e das alunas participando da discussão do Regimento Comum, do Estatuto do Magistério, do Plano Escolar, do Orçamento Municipal; lembro-me dos olhares de reprovação, dos olhares de satisfação, dos sorrisos, das falas, das decisões tomadas coletivamente... Quando ouço ou leio “*transformar as escolas em centros de criatividade, onde se ensine e se aprenda com alegria*”, toma conta de mim um sentimento de satisfação, de realização, de alegria... Estabelece-se em mim o desejo de continuar: “*eu vivi isso, eu sei o quanto é bom, eu quero mais!*”

Em meus pensamentos, já agradei inúmeras vezes a oportunidade de ter vivido aquela experiência, de ter sido professora da rede municipal quando você (permita-me?! ) e sua equipe estiveram à frente da Secretaria Municipal de Educação. Assim como eu, tenho certeza que muitos profissionais em educação foram felizes. Valeu a pena a luta para eleger Luiza!

Aproveito a oportunidade que tenho agora para agradecer pessoalmente pelo seu trabalho sério e comprometido. Senti-me profundamente respeitada como profissional e como ser humano. OBRIGADA!

Aproveito a oportunidade também para parabenizá-lo pelo seu aniversário. Longa vida é o mínimo que posso desejar a quem tanto significado dá à minha existência e, com certeza, à de muitos outros. PARABÉNS! (Ângela Antunes Cieski, São Paulo, 19.09.95).

## 27

### UM HOMEM DOTADO DE UMA GRANDE HUMANIDADE

Ettore Gelpi\*

**D**a leitura dos livros de Paulo Freire ao encontro direto: era 1975, em Genebra, por ocasião de um seminário sobre as finalidades da educação, organizado pelo Bureau Internacional da Educação da UNESCO. O que me havia chamado então atenção era que se dava uma continuidade entre os

\* **Ettore Gelpi**, professor, conferencista e pesquisador, foi durante muitos anos consultor da UNESCO em Paris. Autor de *Conscience terrienne* (1992).